Revista ethne

APONTAMENTOS ANTROPOLÓGICOS SOBRE O FENÔMENO DOS DESIGREJADOS

Francisco Chaves dos Santos[1]
Sergio Paulo Horta Pereira [2]

RESUMO: Este artigo se propõe a refletir sobre o fenômeno religioso mais conhecido como desigrejados, termo que tem sido usado para indivíduos que deixam de participar regularmente das atividades das igrejas cristãs, mas que não se consideram excluídas das religiões institucionais. Aqui será abordada de forma específica o contexto da igreja evangélica, onde serão feitas breves considerações sobre um caso específico no município de Manaus. A estrutura, composição e exposição deste artigo com fundamentos antropológicos, tendo como referencial a fenomenologia da religião será desenvolvida em três partes, onde a primeira apresenta uma discussão mais histórica, sociológica, e antropológica do fenômeno religioso e seu impacto na organização social; a segunda apresenta de forma mais específica o conceito de desigrejados e suas implicações na igreja evangélica; e a terceira uma breve reflexão de análise deste fenômeno a partir de alguns diálogos com jovens que se caracterizam dessa forma.
PALAVRAS-CHAVE: Fenômeno religioso; Desigrejados; Igreja Evangélica.

ANTHROPOLOGICAL NOTES ON THE PHENOMENON OF THE DISINHERITED

ABSTRACT: This article aims to reflect on the religious phenomenon known as without churches christians, a term that has been used for individuals who fail to participate regularly in the activities of the churches, but do not consider themselves excluded from institutional religions. Here it will be specifically addressed the context of the evangelical church, which will be made brief comments about a specific case in the city of Manaus. The structure, composition and exposure of this article with anthropological foundations, taking as reference the phenomenology of religion will be developed in three parts, where the first has a more historical discussion, sociological, anthropological and religious phenomenon and its impact on social organization; the second presents more specifically the concept of without churches christians and its implications in the evangelical church; and the third a brief analysis of this phenomenon reflection from some dialogues with young people who are characterized in this way..
KEYWORDS: Religious Phenomenon; Without Churches Christians; Evangelical Church.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a refletir sobre o fenômeno religioso mais conhecido como desigrejados, termo que tem sido usado para indivíduos que deixam de participar regularmente das atividades das igrejas, mas que não se consideram excluídas das religiões institucionais. Aqui será abordada de forma específica o contexto da igreja evangélica, onde serão feitas breves considerações sobre um caso específico no município de Manaus.

Os desigrejados são identificados como evangélicos, mas rejeitam a ideia ontológica de estarem associados a uma instituição ou denominação religiosa. Este grupo, que se autodenomina evangélico, é crescente dentro do universo protestante e tem como

[1] Especialista em Antropologia Intercultural. E-mail: pr.franciscochaves@gmail.com
[2] Especialista em Antropologia Intercultural. E-mail: sergiohorta1969@gmail.com

plataforma de expressão cultural a negação veemente de pertencimento a uma estrutura institucional. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são mais de 4 milhões de evangélicos nominais no Brasil (BRASIL, 2022).

Este trabalho se insere nas discussões sobre fenômenos religiosos que tem sido abordado por diversos pesquisadores de várias áreas das ciências humanas, tendo em vista que as relações com o sagrado estão presentes em praticamente todos os grupos sociais há bastante tempo. Entender as manifestações religiosos pode ser um caminho profícuo para outras questões da vida social. Como pastores de uma igreja evangélica de Manaus, este tema nos instiga a refletir sobre as abordagens eclesiásticas e comportamentos religiosos de pessoas que tem tido uma experiência negativa com a igreja enquanto instituição e resolvem manter uma devoção cristã, sem, no entanto, estarem ligadas a nenhuma comunidade cristã.

Isto posto, por meio de uma perspectiva antropológica, propomos problematizar o que estaria por trás do comportamento, bem como da forma de se pensar dos desigrejados, tendo em vista que acabam se constituindo uma comunidade específica dentro/fora do movimento evangélico institucional ou denominacional. Grande parte dessas pessoas acabam tendo uma origem cristã protestante e passariam de membros de uma denominação cristã a uma condição de outredade. Para isso, será observado o referido fenômeno religioso e suas motivações, tendo como estratégia uma abordagem conceitual, bem como uma breve análise de alguns contatos com jovens que fizeram parte de uma igreja evangélica de Manaus, Amazonas. Visando manter a privacidade da referida comunidade cristã, doravante será denominada de Igreja Evangélica em Manaus (IEM).

É importante salientar que o objetivo deste trabalho não é estabelecer juízo de valor sob a égide da argumentação de estudos teológicos, mas sim expor, analisar e avaliar o fenômeno religioso conhecido como desigrejados através da retina antropológica, mais precisamente, sob a lente da fenomenologia da religião. A estrutura, composição e exposição deste artigo com fundamentos antropológicos, tendo como referencial a fenomenologia da religião será desenvolvida em três partes, onde a primeira apresenta uma discussão mais histórica, sociológica, e antropológica do fenômeno religioso e seu impacto na organização social; a segunda apresenta de forma mais específica o conceito de desigrejados e suas implicações na igreja evangélica; e a terceira uma breve reflexão de análise deste fenômeno a partir de alguns diálogos com jovens que se caracterizam dessa forma.

FENÔMENO RELIGIOSO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

O estudo do fenômeno religioso tem sido objeto de estudo daqueles que se dedicam a estudar o homem e sua organização enquanto sociedade. A religião é sem dúvida um elemento significativo na análise de sua expressão cultural. Enquanto ciência, a Antropologia dialoga com várias outras disciplinas, que servem como ferramentas de análise, tendo a Sociologia, a Psicologia, a Filosofia, a História, entre outras, como exemplos desta interdisciplinaridade.

De acordo com Teixeira (2011), a religião ocupa um lugar central na própria constituição do referido campo disciplinar e que o Brasil pode ser considerado um lócus privilegiado de observação e pesquisas. Isso tem corroborado, nas últimas décadas, para um olhar mais profundo por parte das Ciências Sociais, fundamental para compreender o homem e seu comportamento. Dessa forma, percebe-se o crescimento significativo de núcleos de pesquisa e de investigação do fenômeno religioso em universidades e Organizações não Governamentais (ONGs), fazendo surgir abundante material acadêmico publicado em teses, artigos e livros.

A fenomenologia da religião é uma ciência recente, tendo surgido no meio acadêmico na segunda metade do século XIX. Silva (2014) faz uma exposição das diversas escolas das quais a Fenomenologia da Religião se alimenta e fundamenta sua pesquisa. O fenômeno religioso pode ser estudado por abordagens variadas, com escopo e métodos particulares a cada uma, tendo no campo das Ciências da Religião um vasto leque de escolas ou correntes que fornecem as ferramentas que ajudam a conceituar o fenômeno religioso.

A sua base teórica e empírica é formada por cinco escolas ou perspectivas. A primeira ficou conhecida como Histórico-Religiosas e surgiram na segunda metade do Século XIX por meio de nomes como David Hume (1711-1776), Wilhelm Schmidt (1862-1954), Andrew Lang (1844-1912), entre outros. Silva define esta escola como:

> A história das religiões, como campo de pesquisa, interessa-se pelo conjunto de fenômenos religiosos enquanto manifestações da cultura, podendo estabelecer um método de estudo descritivo, analítico ou comparativo. Dessa forma, sua grande utilidade está na classificação das religiões e no fornecimento de dados para fins de comparação, mas dificilmente possibilita a compreensão do significado último da experiência religiosa para o próprio homem religioso (SILVA, 2014, p. 22-23).

A segunda corrente mencionada por Silva, as Escolas Linguísticas, contemporânea a anterior deu ênfase à linguagem e formas de comunicação. Esta abordagem seguia a lógica da relação entre palavras e eventos históricos e entre divindades e fatos históricos ou fenômenos da natureza. Menciona ainda outros nomes de grande importância na pesquisa

neste período do alvorecer das Escolas Linguísticas, tais como os franceses Émile Benveniste (1902-1976) e George Dumézil (1898-1986).

Sobre a terceira corrente, Escolas Psicológicas, teve seu desabrochar no final do século XIX, nos Estados Unidos, com foco no tema Psicologia da Conversão, sendo desenvolvida pelo Pr. Granville Stanley Hall (1844-1924), tomando maior proporção em seu aluno James Henry Leuba (1868-1946) e, posteriormente, avançando também por meio das pesquisas do aluno Edwin Diller Starbuck (1866-1947). Dentre os estudiosos desta linha de pesquisa, os que mais se destacaram foram o morávio Sigmund Freud (1856-1939) e o suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). De forma geral, a Psicologia classifica o fenômeno religioso como uma forma de expressão da psique humana.

A quarta corrente, Escolas Sociológicas, desenvolvida pelo belga Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825) tinha um forte interesse no cristianismo. Do lado francês, Émile Durkheim (1853-1917) se destacou como seu maior expoente. Esse sociológico tinha uma percepção especial de que a religião podia contribuir de forma significativa na compreensão da organização social. Importante mencionar também o caso do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), com grande interesse na ética religiosa e sua relação com a economia.

Por fim, Silva menciona as "Escolas Antropológicas" e os estudos seminais de Edward Burnet Tylor (1832-1917) entendendo que a religião surgiu da concepção de alma, como uma tentativa do homem antigo de entender e explicar o fenômeno do sonho. Também destaca o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942), que enfocou a relevância dos ritos e mitos como importantes expressões do sagrado. Conclui:

> Apesar da relevância da Antropologia para a análise cultural de qualquer povo, percebe-se sua limitação no que se refere à religiosidade. Como comenta Dagmar Castro, a Antropologia tende a objetivar a subjetividade humana. De acordo com as palavras de Piazza, especificamente referindo-se a Malinowski e Lévi-Strauss, a tendência desta escola é reduzir a religião a uma fórmula para fazer a sociedade funcionar (p. 28).

Para Geertz (1989), os estudos da religião ficaram estagnados após a Segunda Guerra Mundial, pois não houve nenhum progresso teórico de maior importância, fazendo com que os estudos se mantivessem em uma tradição intelectual antiga e limitada.

> Se o estudo antropológico da religião está, de fato, num estado de estagnação geral, eu duvido que ele se possa pôr em movimento novamente apresentando apenas pequenas variações sobre temas teóricos clássicos E, no entanto, uma meticulosidade maior em relação a proposições já bem estabelecidas, como a de que o culto dos ancestrais apoia a autoridade dos mais velhos, de que os ritos de iniciação são meios de estabelecer a identidade sexual e a posição de adulto, de que os grupos rituais refletem oposições políticas ou de que os mitos fornecem os quadros das instituições sociais e as racionalizações dos privilégios sociais, poderá finalmente convencer um grande número de pessoas, tanto dentro como fora da profissão, de que os antropólogos, como os teólogos, dedicaram-se

> firmemente a comprovar o indubitável. Na arte, essa reduplicação solene das realizações dos mestres aceitos é chamada academicismo — creio que este é o nome adequado também para o nosso mal (GEERTZ, 2008, p. 65).

Geertz sugere que se deve avançar no estudo do fenômeno religioso, não abandonando os grandes estudiosos do passado, mas partindo da plataforma que construíram, levando a descobertas que estejam à altura dos grandes nomes do século passado. O autor também cita quatro nomes que considera terem contribuído na elaboração desta plataforma de onde se pode lançar estudos e pensamentos que aprofundem o conhecimento do contexto religioso:

> Pelo menos quatro dentre as contribuições dos homens que, como menciono, dominam nosso pensamento a ponto de paroquializá-lo — a discussão de Durkheim sobre a natureza do sagrado, a metodologia Verstehenden de Weber, o paralelo de Freud entre rituais pessoais e coletivos, e a exploração feital por Malinowski sobre a diferença entre religião e senso comum — parecem-me pontos de partida inevitáveis para qualquer teoria antropológica da religião que seja útil. Mas elas são apenas pontos de partida. Para ir além delas é preciso colocá-las num contexto muito mais amplo do pensamento contemporâneo do que elas abrangem, com elas e a partir delas. (GEERTZ, 2008, p. 66).

Geertz sugere que deixemos o fraseado complicado e reconheçamos que "a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade" (GEERTZ, 2008, p. 67), mas reconhece que os antropólogos não avançam em um estudo empírico de como é realizado o que ele define como "milagre particular". O autor continua afirmando que o material cultural e intelectual está à disposição, pois temos os estudos e pesquisas anteriores, e o ato religioso continua contemporâneo: "sabemos apenas que ele é realizado anualmente, semanalmente, diariamente e, para algumas pessoas, até a cada hora, e dispomos de uma enorme literatura etnográfica para demonstrá-lo" (GEERTZ, 2008, p. 67). Tendo esta linha de raciocínio estabelecida, Geertz se permite partir para uma definição de religião, visando fornecer uma orientação ou reorientação útil para a construção do pensamento:

> Portanto, sem mais cerimônias, uma religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p. 67).

O termo símbolo é o foco principal na definição de Geertz, o que ele mesmo reconhece "não se tratar de algo fácil, pois, como a 'cultura', o 'símbolo' vem sendo usado numa ampla gama de coisas, muitas vezes várias coisas ao mesmo tempo" (Geertz, 2008, p.

67). Para o autor, símbolo pode ser entendido como algo que signifique outra coisa para alguém, como nuvens escuras significam a vinda de chuva, outros o entendem como sinais convencionais de uma coisa ou outra, como a bandeira vermelha significando perigo e a branca significando a paz. "Assim, há símbolos em poesia, mas não em ciência, e é errado falar em lógica simbólica" (Geertz, 2008, p. 67). Reconhecendo as dificuldades e conhecedor das diversas abordagens do termo símbolo, Geertz assim o define: "ele é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção — a concepção é o "significado" do símbolo, e é essa a abordagem que seguirei" (Geertz, 2008, p. 67-68). Fica claro o grande desafio do estudioso e pesquisador do fenômeno religioso quanto à descoberta do significado por trás de um símbolo, e o uso de uma abordagem apropriada trará àquele que o estuda e o observa maior sucesso em suas conclusões. Para tal, a abordagem de Geertz parece fazer sentido, e seu raciocínio transfere segurança:

> O número 6, escrito, imaginado, disposto numa fileira de pedras ou indicado num programa de computador, é um símbolo. A cruz também é um símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente, e é um símbolo a tela "Guernica" ou o pedaço de pedra pintada chamada "churinga", a palavra "realidade" ou até mesmo o morfema "ing". Todos eles são símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, pois são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças. Iniciar o estudo da atividade cultural — uma atividade na qual o simbolismo forma o conteúdo positivo — não é abandonar a análise social em troca de uma caverna de sombras platónicas, entrar num mundo mentalista de psicologia introspectiva ou, o que é pior, de filosofia especulativa, e lá vaguear eternamente numa neblina de "Cognições", "Afeições", "Volições" e outras entidades nebulosas. Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura. (GEERTZ, 2008, p. 68)

Diante do que já vimos até este ponto, fica clara a importância da religião para a sociedade, assim como o estudo da mesma pela perspectiva da fenomenologia da religião. Silva (2014) explica que "a expressão Fenomenologia da Religião propriamente dita foi criada pelo holandês e historiador das religiões Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1848-1920)" (p. 29). Ele esclarece que o uso da expressão não se deu com o propósito de criar um método, mas sim como uma "alternativa terminológica para o que era chamado de religiões comparadas" (SILVA, 2014, p. 29). Relata que a primeira expressão significativa da Fenomenologia da Religião vem do também holandês Gerardus Van der Leeuw (1890-1950), que "propôs um método de compreensão da experiência religiosa – e não apenas de descrição – a partir da análise das suas linguagens ou dos seus meios de manifestação: os fenômenos" (p. 30). Desta forma, o estudo da religião avançou da mera observação e

descrição da religião para, segundo Van der Leeuw *apud* Silva, "atingir a essência da religião". Entre os cientistas da religião, se defende que a "investigação fenomenológica é a melhor opção para se aproximar, o máximo possível, do significado real da experiência religiosa" (p. 31).

Fazendo uma conclusão dos pensamentos aqui tecidos, de algumas mentes dedicadas ao estudo do homem e suas expressões, que é o campo científico abraçado pela Antropologia, a ciência está definida por Lidório (2014) "como o resultado da aglutinação histórica de impressões, fatos e ideias sobre a identidade do homem disperso em seus diferentes ajuntamentos sociais" (p. 30). Hiebert (*apud* SILVA, 2014), "conceitua religião como um sistema explicatório que trata das últimas questões da vida e da morte, das razões da própria existência" (p. 32). Geertz (2008) entende religião como um sistema cultural. Em relação a Fenomenologia, Silva (2014) nos informa da origem do termo, "vem do grego fainomenon, que significa aquilo que aparece, que se mostra" (SILVA, 2014, p. 31). Assim, de forma simplista, Fenomenologia é o estudo do que aparece. Obviamente já sabemos que é mais complexo que isto, merecendo então uma definição mais próxima de sua importância como método científico:

> A fenomenologia é uma tentativa de compreensão da essência da experiência humana, seja ela psicológica, social, cultural ou religiosa, a partir da análise das suas manifestações, que são chamadas de fenômenos. É uma tentativa de compreensão não do ponto de vista do observador, mas do ponto de vista da própria pessoa que teve a experiência. No meio linguístico e antropológico, isso é chamado de ponto de vista êmico. (SILVA, 2014, p. 31).

O estudo fenomenológico da religião lança mão de ferramentas emprestadas das escolas já mencionadas e de dois conceitos da escola Linguística, que alcançaram a Academia Antropológica, tornando-se fundamentais para a análise cultural, também se tornaram igualmente fundamentais para a análise religiosa: Perspectiva Ética e Perspectiva Êmica. "A perspectiva ética é a visão externa, do observador, segundo uma postura transcultural, comparativa e descritiva. Perspectiva êmica é a visão interna, do observado, segundo uma postura cultural, particular e analítica" (SILVA, 2014, p. 39). Diante disso, fica a pergunta: como se dá a análise fenomenológica da religião? O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira afirma que "o trabalho do antropólogo é olhar, ouvir e escrever" (OLIVEIRA, apud SILVA, 2014, p. 41). Oliveira chama estas habilidades de atos cognitivos, e Silva completa nos lembrando que:

> Olhar é muito mais do que admirar o exótico de forma ingênua, como um turista que, cheio de curiosidade, para diante do diferente, até então desconhecido. Olhar é observar com atenção e discrição, de forma acurada e intuitiva, tentando

> entender o real sentido de cada fenômeno. Faz-se necessário, portanto, treinar o olhar... a partir da observação devemos fazer perguntas... sem as perguntas certas, jamais chegaremos às respostas certas. (SILVA, 2014, p. 41-42)

O olhar ainda não formou o ambiente analítico promissor que desejamos ao estudarmos um fenômeno, ainda é preciso ouvir e escrever. "Um ouvido atento percebe o que se comenta sobre os problemas da vida e suas soluções, e sobre as entidades e sua relação com a comunidade" (SILVA, 2014, p. 43). Escrever é o alinhavar das informações e o concatenar das ideias. Esta habilidade é usada para organizar as impressões, perguntas e conclusões em relação ao fenômeno, "da mesma forma, devemos futuramente registrar o que nos levou às conclusões. Com registros bem-organizados, é bem mais fácil fazermos uma análise fenomenológica segura e apresentável" (SILVA, 2014, p. 43).

O FENÔMENO DOS DESIGREJADOS NO BRASIL E NO MUNDO

O estudo do campo religioso brasileiro tem ocupado a mente de pesquisadores e alimentado à curiosidade daqueles que estudam o homem e seu comportamento. A jovem nação brasileira nasceu influenciada por culturas diversas e, notadamente, por importante mistura de crenças. Sobre esta realidade Ribeiro (2012) faz a seguinte narrativa:

> O Brasil de hoje é um dos países mais miscigenados do mundo graças a sua formação recente e diversa, vários povos contribuíram para a formação do Brasil, a saber, os nativos (os índios), os colonizadores principais (os portugueses), os "demais colonizadores" em forma de imigrantes como (franceses, Holandeses, posteriormente Italianos, Japoneses, alemães entre outros), e na história mais recente com maior intensidade temos coreanos, nigerianos, bolivianos e peruanos, além daqueles aqui não mencionados, e ainda os que são objeto de nossa discussão (os negros) que vieram para o Brasil de forma compulsória a datar do início da colonização até final do século XIX (p.8).

A intervenção religiosa dos colonizadores portugueses já sinalizava o que seria da composição religiosa da nova colônia chamada Brasil. Lá a monarquia confessava uma ortodoxia católica romana, sendo que sua ortopraxia era uma mistura já considerável de várias influências. Sobre isso, Isaia (2009, p.78) afirmou que "a experiência dos colonizadores já acenava para uma complexidade étnica, cultural, linguística e religiosa notáveis". Essa multifacetada expressão cultural dos bravos conquistadores portugueses apontava para uma futura diversidade, não apenas no aspecto religioso, mas certamente em todas as manifestações dos homens da nova terra, o que ajuda a dar sentido à compreensão do campo religioso brasileiro.

A evolução do quadro religioso no Brasil permaneceu quase inalterada até o século XIX, quando os primeiros protestantes se estabeleceram e gradualmente formaram uma comunidade que cresceria significativamente no século XX. O Instituto Presbiteriano Mackenzie disponibiliza uma "Breve História do Protestantismo no Brasil" (MATOS, 2016), onde narra a passagem de diversos expoentes protestantes de menor impacto social, e, então, cita a chegada daqueles que de fato estabeleceram o protestantismo no país: Robert Reid Kalley (1809-1888), que iniciou a Igreja Evangélica Fluminense, e Ashbel Green Simonton (1859), fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil. Já no século XX, outro evento influenciou e impulsionou o crescimento dos evangélicos. Entre 1910 e 1940 chegaram grupos oriundos da América, dando início à presença pentecostal, gerando uma transformação significativa na sociedade brasileira.

A primeira influência experimentada nestas terras no século XVI evoluiu para uma sociedade hoje conhecida como pós-moderna, onde uma crise de pertencimento, especialmente no campo religioso, se estabeleceu e tem gerado importantes transformações deste universo. Após a divulgação do Censo Demográfico 2010 por parte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), se constatou algo que já se percebia no universo religioso do país: o crescimento do grupo religioso evangélico, o encolhimento do grupo religioso católico romano e, o mais intrigante, o crescimento do segmento "sem religião".

> Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. (IBGE, 2010).

Estes dados, acrescidos da informação do crescimento do grupo denominado "sem religião", causaram grande interesse tanto do segmento evangélico quanto da sociedade em geral. A parcela da população brasileira que se declarava "sem religião", passou de 12 milhões para 15 milhões de pessoas. A revista de viés evangélico Cristianismo Hoje (2015) publicou matéria abordando o assunto com o tema "Já não Cresce". Já o jornal Folha de São Paulo (2011), veículo de comunicação de grande circulação no país, publicou matéria sobre o mesmo tema, discutindo o significado de tal fenômeno religioso. Outro a analisar e publicar suas conclusões foi o teólogo Augustus Nicodemos Lopes (2010), no seu blog "Temporas-mores", onde usou e popularizou o termo "desigrejados":

> Para mim resta pouca dúvida de que a igreja institucional e organizada está hoje no centro de acirradas discussões em praticamente todos os quartéis da cristandade, e mesmo fora dela. O surgimento de milhares de denominações

> evangélicas, o poderio apostólico de igrejas neopentecostais, a institucionalização e secularização das denominações históricas, a profissionalização do ministério pastoral, a busca de diplomas teológicos reconhecidos pelo estado, a variedade infindável de métodos de crescimento de igrejas, de sucesso pastoral, os escândalos ocorridos nas igrejas, a falta de crescimento das igrejas tradicionais, o fracasso das igrejas emergentes – tudo isto tem levado muitos a se desencantarem com a igreja institucional e organizada (LOPES, 2010).

O fenômeno religioso dos "desigrejados", também chamados de "cristãos nominais", ou indivíduos que abandonam a prática de congregar em uma comunidade cristã, não preocupa apenas os líderes religiosos brasileiros. A Revista "Christianity Today", de grande circulação entre os protestantes americanos, publica matérias sobre o tema com regularidade. Em sua edição de 01/04/2014, Drew Dyck (2014) aborda o tema: "Acima de tudo, cristãos nominais tem uma visão positiva da fé, o suficiente para se identificarem com o cristianismo. Eles não estão preparados para negarem a religião ou a existência de Deus". No mesmo artigo ele argumenta que o cristão nominal se afasta de sua comunidade movido por alguma desilusão, e não por abandonar a crença em um ser divino.

Um dos jornais mais relevantes no mundo, "The Times" de Londres, na sua edição dominical, conhecida como "The Sunday Times", publicada em 29 de novembro de 2015, apresenta uma matéria sobre a pesquisa de religião na Irlanda, escrita pelo jornalista irlandês Siobhán Maguire (2015). Um fato curioso tem preocupado os pesquisadores do "Central Statistics Office" (CSO), o equivalente irlandês do IBGE no Brasil: o crescente fenômeno dos "sem religião". Maguire expõe a dificuldade que o CSO tem enfrentado em não conseguir espelhar o quadro real da religiosidade na Irlanda, uma vez que a opção "sem religião" não aparece no formulário de pesquisa do órgão, como é comum nas pesquisas no Reino Unido e Nova Zelândia, por exemplo. Ele segue reportando, "eu creio que os resultados da questão (sem religião) estão mostrando uma grande mudança na Irlanda referente a religião, um quarto de milhão de pessoas agora se identifica como 'sem religião', e resultados como esse não podem ser ignorados". (MAGUIRE, 2015)

Uma outra matéria publicada no "The Sunday Times", em 17 de janeiro de 2016, desta vez pelo jornalista Nicholas Hellen (2016), é digna de menção ao tratar do tema religião e os "sem religião", ou "desigrejados", ou também conhecidos como "desinstitucionalizados". Sob o título de "Maioria dos Britânicos denominados 'pós-cristãos' se declaram 'sem religião'", Nicholas Hellen apresenta dados de pesquisa que revelam que "a era cristã está diante do seu apagar, com a maioria de britânicos agora asseverando não ter religião" . A recente pesquisa conduzida pela YouGov em dezembro de 2015 revela que 46% dos britânicos se apresentam como "sem religião". No entanto, a mesma pesquisa indica que

um em cada seis deste grupo de 46% definitivamente acredita existir um poder superior, e um quarto deles participam de atividades espirituais mensalmente, tipicamente orações. Uma pequena porcentagem é contra a religião (13%) ou se identifica como secular ou humanista (7%)".

Os resultados desta pesquisa no campo religioso britânico foram apresentados em uma aula na Academia Britânica pela professora de Sociologia da Religião da Universidade de Lancaster, Linda Woodhead. Nicholas nos informa que a professora Whoodhead se dirigiu à congregação da Academia abordando o tema "Porque 'sem religião' é a nova religião?". Ela argumentou, baseada nas pesquisas, que os líderes britânicos se distanciaram de suas congregações em assuntos como casamento homossexual e aborto. Whoodhead argumenta ainda que os líderes têm conduzido a religião na contra-cultura. Há uma mudança revolucionária acontecendo na formação de nossa identidade religiosa, mudando a norma de ser cristão para a norma de ser "sem religião".

Todas as pesquisas, tanto nos Estados Unidos, como na Irlanda, no Reino Unido, se assemelham aos resultados obtidos no Brasil, onde mudanças importantes no campo religioso têm apontado para a formação de uma sociedade diferente, com comportamentos e valores que não se encaixam no contexto religioso até aqui conhecido. Certamente é algo a ser estudado e analisado.

Campos Junior (2014, p.23) menciona em seu artigo "Niilismo eclesiástico: uma análise do movimento dos desigrejados" os números do fenômeno no Brasil:

> a) 4 milhões são os brasileiros que se declaram evangélicos, mas não têm vinculação eclesiástica; o percentual de evangélicos nesta situação é de 10%.
> b) 62% dos desigrejados são egressos de denominações neopentecostais, cuja ênfase é a teologia da prosperidade;
> c) 63% dos respondentes declararam que voltariam a se vincular a uma comunidade que não apresentasse os vícios e malversações que os afastaram da comunhão;
> d) 29% dizem que não pretendem manter vínculo com outra igreja novamente; e) 5,6 anos é o tempo médio de conversão dos desigrejados.

A Antropologia como ciência está aparelhada para pesquisar o fenômeno religioso, dialogando com as demais escolas como Psicologia, Sociologia, História, entre outras. Sem dúvida, uma das escolas de grande influência e importância na formação da Antropologia moderna foi a Escola Sociológica. Lidório (2014) fala sobre o desenvolvimento da antropologia como instrumento de estudo do homem:

> A antropologia, inicialmente, era tratada apenas como área de estudo dentro da História e Filosofia. Com o descobrimento das complexidades culturais a humanidade se viu diante da gritante necessidade de uma área específica e

> subdividida a ponto de cobrir algumas fontes de perguntas sociais. Surgiu o estudo do homem (p.39).

Convencidos que a Antropologia, usando a abordagem da Fenomenologia, é uma ciência capaz de estudar e compreender o homem e suas relações na sociedade, estamos prontos então a lançar um olhar mais acurado e analítico para o fenômeno dos "desigrejados" na comunidade protestante que nos propomos investigar. Esta comunidade local, aqui denominada Igreja Evangélica em Manaus, será olhada da perspectiva da Fenomenologia da Religião, com o propósito de identificar os elementos e fenômenos que levaram alguns jovens a se desligarem da mesma e engrossarem as fileiras dos "sem igrejas".

OS DESIGREJADOS DA IGREJA EVANGÉLICA DE MANAUS

Após análise do fenômeno dos sem igrejas no mundo e no Brasil, é imperativo observar o desenvolvimento deste movimento na cidade de Manaus. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2010 e com os estudos da Revista Exame, a cidade de Manaus está em segundo lugar no ranking de cidades brasileiras por capital, com cerca de 577,2 mil pessoas que professam a fé evangélica. Em termos de porcentagem existe 35,19% de evangélicos no Brasil.

Partindo do pressuposto que o movimento dos "desigrejados", ou "sem igrejas", tem crescido cerca de 10%, segundo o último Censo, podemos afirmar que na cidade de Manaus este movimento fenomenológico tem cerca de 57. 720 mil adeptos, tendo como característica a total ausência de pertencimento a uma estrutura denominacional, institucional evangélica. Partindo da premissa de busca por dados estatísticos, por um censo identitário de jovens com este perfil ideológico na cidade de Manaus, baseado numa pesquisa do G1 (Portal de Notícia da Globo), que fez um levantamento sobre o número em termo percentual de jovens evangélicos de 16 a 24 anos no Brasil, cujo resultado é de 37%, combinado com o resultado do censo sobre os sem religião, feito com pessoas de 15 a 35 anos, em Manaus, há cerca de 30 mil pessoas. Por inferência, concluímos que há em Manaus cerca de 25 mil jovens de 15 a 35 anos sob o prisma do fenômeno e movimento cognominado de desigrejados.

Diante do exposto e reconhecendo peremptoriamente esta realidade religiosa com viés cultural e ideológico, analisaremos este fato social tendo como paradigma e recorte de trabalho e objeto de estudo de campo alguns jovens que foram membros, ainda são, ou se

sentem membros da comunidade Igreja Evangélica de Manaus (IEM), mas que, sob a égide institucional, estão completamente desvinculados da organização IEM.

Após breve abordagem situacional deste movimento, convém observar que a análise e a avaliação têm como ponto nevrálgico elementos comportamentais intrínsecos ao movimento e a perceptível presença de símbolos religiosos, os quais apontam para a presença de fenômenos religiosos. No que se refere aos elementos de ordem do comportamento humano, foi notório o sentimento de decepção e frustração que estes jovens tiveram com a instituição.

Os fatores existenciais que os levaram a romper com o sentimento de pertencimento em relação a igreja foram proporcionados por decepção com lideranças personalistas, que estavam preocupadas com projetos pessoais em detrimento do relacionamento pastoral. Outro aspecto digno de nota, são as feridas emocionais provocadas pelos líderes, seja em relação a si mesmos ou aos seus familiares, principalmente no que se refere ao sentimento de terem sidos "usados e depois descartados". Esses fatores os levaram a questionar o papel da igreja como comunidade terapêutica.

A inserção de alguns dos jovens da igreja na faculdade ou por terem desenvolvido conhecimento na área científica e tecnológica, recebendo certo conhecimento filosófico e epistemológico sobre questões ontológicas sobre o ser humano, aliada ao fato de não terem encontrado respostas em suas lideranças, fez com que esses jovens se tornassem críticos sobre determinados temas e dogmas. Outro aspecto que fora observado é a insatisfação com a dinâmica litúrgica da igreja e os temas abordados nas pregações, que por vezes se afastam da fidedigna exposição bíblica.

Isto posto, é inegável e límpido a ruptura gerada sob a retina comportamental e existencial destes jovens em relação à IEM. Contudo, se percebe outro fator social como um elemento de complementariedade relevante quanto ao processo do fenômeno religioso na vida destes jovens, que precisamos enfrentar em nossa análise e avaliação. Para tanto, é necessário elencarmos alguns questionamentos como instrumentos de investigação que não podem passar despercebidos sob pena de prejuízos em nossa avaliação. Logo, devemos interpelar em primeiro lugar os motivos para o rompimento do sentimento de pertencimento destes jovens à Igreja Evangélica de Manaus que os levaram a dessacralização. Em segundo, esses jovens abandonaram os seus símbolos religiosos e sua profissão de fé? Em terceiro lugar, os jovens da IEM deixaram de se sentir cristãos evangélicos? Em quarto, mesmo não sendo membros ativos da referida instituição, eles se sentem inseridos no contexto da religião cristã protestante? Em quinto lugar, participam dos símbolos de fé, principalmente do

sacramento da eucaristia ou santa ceia, momento em que se relembra simbolicamente a morte de Cristo e considerada pelos cristãos protestantes como um dos principais sinais de uma participação ativa e de identidade cristã?

Apesar dos questionamentos serem retóricos, por termos nos involucrado no estudo de campo, essas interpelações foram essenciais, pois levaram a uma forte convicção do fator antropológico em nosso trabalho sobre os jovens da IEM. Mais especificamente sobre o fenômeno religioso dos desigrejados. Isto é, mesmo tendo decidido estabelecer um processo de ruptura com a instituição e organização religiosa igreja evangélica de Manaus, eles reconhecem que são cristãos evangélicos inteiramente sacralizados. Estão convictos sobre a salvação e suas posições quanto aos símbolos de fé. Crendo que a bíblia é a palavra de Deus e, portanto, sendo o seu livro de regra, de fé e de prática. Defendem o princípio da identidade evangélica e mesmo não participando da vida orgânica da Igreja, creem e participam dos sacramentos do batismo e da santa ceia.

É perceptível a forte resistência destes jovens em relação ao retorno e nova inserção no sistema religioso institucional. Pois já reelaboraram uma estrutura de comunhão com os que pensam e tem um estilo de vida semelhante ou igual. A modalidade de vida comunitária dos "desigrejados", quanto a sua religiosidade, é marcada por encontros em pequenos grupos onde estabelecem o processo de elaboração litúrgica, que acontece dentro relação informal com o Criador. Espaçadamente vão a IEM para participar da santa ceia ou programação especial. Além da necessidade mística, há um forte sentimento nostálgico sobre o tempo de convivência na Igreja Evangélica de Manaus. Outro aspecto a ser salientado é a mobilização dos "sem igreja", por meio dos seus principais líderes, para defender apologeticamente suas posições. O principal veículo de manifestação são as redes sociais, por meio das quais estabelecem conexões de debates para massificar suas posições ideológicas, culturais e religiosas.

Portanto, após um tempo de convivência, análise e compartilhar da natureza e do estilo de vida dos jovens sem igreja, percebe-se a existência de DNA repleto de símbolos e significados religiosos, que formam ou se completam dentro de um sistema religioso. Neste caso, apontam para uma fenomenologia religiosa e suas peculiaridades recheadas de espiritualidades. É neste contexto que se forma e se organiza o movimento dos "desigrejados".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exporto, a partir de uma cosmovisão sobre o fenômeno dos desigrejados, conclui-se que algumas características devem ser consideradas: primeiramente a capacidade que o movimento dos "sem igrejas" tem de se mobilizar para defenderem apologeticamente suas posições. Principalmente por meio do uso da rede social e dos seus principais líderes. Nas redes sociais estabelecem debates para massificar suas posições ideológicas, existenciais, culturais e religiosas. O que nos parece é que todo pensamento e absorção das ideias são elaborados em rede, onde líderes midiáticos oportunizam e usufruem das necessidades de pessoas religiosas decepcionadas com as igrejas e seus sistemas religiosos, que provocaram frustrações, mágoas, decepções. O vácuo de líderes religiosos sinceros, honestos e fidedignos à Bíblia também se conecta e encontra guarita numa rede chamada de desigrejados.

O segundo aspecto a ser considerado é a clara presença do fenômeno religioso no movimento, observado no recorte entre os jovens da Igreja Evangélica de Manaus. Ou seja, mesmo estando fora do sistema religioso, eles cultivam os signos e símbolos de fé da religião denominada evangélica. Sendo assim, podemos concluir que é factual o movimento dos sem igrejas! E, certamente será o movimento social religioso que mais crescerá em Manaus e quiçá no Brasil. O perfil antropológico do movimento "evangélico sem igreja" será de engajamento contínuo quanto à fé evangélica e de uma forte oposição à denominação e instituição evangélica. Ou seja, serão emblemáticos nos símbolos religiosos e oponentes ao significado e significante ao conceito de igreja, denominação e organização.

REFERÊNCIAS

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Número de católicos cai no Brasil; crescem evangélicos e ateus. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2011/08/964072-numero-de-catolicos-cai-no-brasil-crescem-evangelicos-e-ateus.shtml. Acesso em 10 de maio de 2015.

CAMPOS JUNIOR, Idauro de Oliveira. Niilismo Eclesiástico: uma análise do movimento dos desigrejados. **Revista Teologia Brasileira**. Número 29, Ano 2014. Disponível em: http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=390. Acesso em 12 de maio de 2016.

COSTA, Antonio Carlos. **Convulsão Protestante**: quando a teologia foge do templo e abraça a rua. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

CRISTIANISMO HOJE. **Já não cresce tanto**: Declínio nas estatísticas de avanço numérico do segmento evangélico sinaliza crise da Igreja. Disponível em:

<http://www.cristianismohoje.com.br/materias/especial/ja-nao-cresce>. Acesso em 19 de ago. 2015.

DYCK, Drew. Nominal Belivers. **Christianity Today**, 2014. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ct/2014/march/nominal-believers-nones.html>. Acesso em 10 de maio de 2015.

FRESTON, Paul. **Religião e política, sim**; **Igreja e Estado, não**: os evangélicos e a participação política. Minas Gerais: Ultimato, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo**: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HELLEN, Nicholas. **Post-Christian Britain arrives as majority say they have no religion**. The Sunday Times. 17 de jan. 2016. Disponível em <http://www.thesundaytimes.co.uk/sto/news/uk_news/Society/article1657457.ece>. Acessado em 18 de jan. 2016.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao. Acesso em 05 de out. 2015

ISAIA, Artur Cesar. O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas. **Revista Brasileira de História das Religiões** – Ano I, n. 3, p. 95-105, jan. 2009.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e Cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LOPES, Augustus Nicodemos. **Os ateus coitadinhos**! Invertendo quem persegue a quem. Disponível em: <tempora-mores.blogspot.com.br/search?updated-min=2009-12-31T18:00:00-08:00&updated-max=2010-05-19T18:36:00-03:00&max-results=44&start=26&by-date=false>. Acessado em 10 de maio de 2015.

MAGUIRE, Siobhán. "No change on census form for non-believers". **The Sunday Times**. 29 de nov. 2015. Disponível em: http://www.thesundaytimes.co.uk/sto/news/ireland/article1639040.ece. Acesso em 18 de jan. 2016.

MATOS, Alderi Sousa de. **Breve História do Protestantismo no Brasil**. Disponível em: http://www.mackenzie.br/6994.98.html. Acesso em 15 de maio de 2016.

RIBEIRO, Josuel Stenio da Paixão. A formação do povo brasileiro e suas consequências no âmbito antropológico. In: **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, n. 14, p. 4-15, dez. 2012.

ROMERO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da Religião**: compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

TEIXEIRA, F. (org.). **Sociologia da Religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes. 2011.